

## Apresentação

A *Revista Língua & Literatura* está completando quatro anos com esta edição de número cinco. A cada nova edição se percebe a preocupação de seus organizadores em aperfeiçoar este espaço de construção e socialização do saber. A dimensão do conhecimento que se institucionaliza com uma produção científica de qualidade se revela através de pesquisas, investigações e estudos publicados. E neste prisma que esta edição de número cinco se alicerça, incorporando novos conhecimentos que emergem através do processo de leitura, abrindo horizontes nos interlocutores.

Ao tempo em que procedo a apresentação desta revista, retrato a celebração da leitura que perpassa séculos e séculos e em diferentes situações nas quais o leitor está envolvido em sua arte de ler, demonstrando seu prazer e sua avidez. Ao lado das gravuras consta a descrição de Alberto Manguel extraídas da obra *Unia História da Leitura* (p. 14-17).

"Com uma das mãos pendendo ao lado do corpo e a outra apoiando a cabeça, o jovem Aristóteles lê languidamente um pergaminho desdobrado no seu colo, sentado numa cadeira almofadada, com os pés confortavelmente cruzados. Segurando um par de óculos sobre o nariz ossudo, um Virgílio de turbante e barba vira as páginas de um volume rubricado, num retrato pintado quinze séculos depois da morte do poeta. Descansando sobre um degrau largo, a mão direita segurando de leve o rosto, são Domingos está absorto no livro que segura frouxamente entre os joelhos, distanciado do mundo. Dois amantes, Paolo e Francesca, comprimem-se sob uma árvore, lendo um verso que os levará à perdição: Paolo, tal como são Domingos, toca o rosto com a mão; Francesca segura o livro aberto, marcando com dois dedos uma página que jamais será alcançada. A caminho da escola de medicina, dois estudantes islâmicos do século XII param para consultar uma passagem num dos livros que carregam. Apontando a página da direita do livro que traz aberto no colo, o Menino Jesus explica sua leitura para os anciãos no templo, enquanto eles, espantados, não convencidos, viram inutilmente as páginas dos seus respectivos tomos em busca de uma refutação. Tão belo quanto em vida,



e barba vira as páginas de um volume rubricado, num retrato pintado quinze séculos depois da morte do poeta. Descansando sobre um degrau largo, a mão direita segurando de leve o rosto, são Domingos está absorto no livro que segura frouxamente entre os joelhos, distanciado do mundo. Dois amantes, Paolo e Francesca, comprimem-se sob uma árvore, lendo um verso que os levará à perdição: Paolo, tal como são Domingos, toca o rosto com a mão; Francesca segura o livro aberto, marcando com dois dedos uma página que jamais será alcançada. A caminho da escola de medicina, dois estudantes islâmicos do século XII param para consultar uma passagem num dos livros que carregam. Apontando a página da direita do livro que traz aberto no colo, o Menino Jesus explica sua leitura para os anciãos no templo, enquanto eles, espantados, não convencidos, viram inutilmente as páginas dos seus respectivos tomos em busca de uma refutação. Tão belo quanto em vida,

observada por um cão de guarda, a nobre milanesa Valentina Balbiani folheia seu livro de mármore sobre a tampa de um sepulcro onde está esculpida, em baixo-relevo, a imagem de seu corpo descarnado. Longe da cidade turbulenta, em meio a areia e rochas crestadas, são Jerônimo, tal como um velho passageiro à espera do trem, lê um manuscrito do tamanho de um tablóide; em um canto, um leão escuta deitado. O grande humanista e erudito Desidério Erasmo compartilha com seu amigo Gilbert Cousin uma anedota do livro que está lendo e que repousa aberto sobre o atril à sua frente."

"Ajoelhado entre flores de oleandro, um poeta indiano do século XVII cofia a barba e,



segurando na mão esquerda o livro ricamente encadernado, reflete sobre os versos que acaba de ler em voz alta para captar-lhes plenamente o sabor. Junto a uma longa fileira de prateleiras grosseiramente talhadas, um monge coreano puxa uma das 80 mil tabuinhas de madeira da *Tripitaka coreana*, obra com sete séculos de idade, e segura-a diante de si, lendo com atenção silenciosa. "Estude para ser sereno", é o conselho dado pelo vitralista anônimo que retratou o pescador e ensaísta Izaak Walton lendo um pequeno livro às margens do rio Itchen, perto da catedral de Winchester.

Completamente nua, uma Maria Madalena bem penteada e, ao que parece, não arrependida, lê um grande volume ilustrado, estendida num pano jogado sobre uma rocha no deserto. Usando seus talentos de ator, Charles Dickens segura um exemplar de um de seus romances, do qual irá ler um trecho para um público que o adora. Encostado num parapeito de pedra às margens do Sena, um jovem mergulha em um livro (qual será) mantido aberto em sua mão. Com impaciência, ou apenas entediada, uma

mãe segura um livro diante de seu filho ruivo, enquanto ele tenta seguir as palavras com a mão direita sobre a página. Cego, Jorge Luis Borges aperta os olhos para melhor escutar as palavras de um leitor que não se vê. Numa floresta de manchas de cor, sentado sobre um tronco coberto de musgo, um menino segura com ambas as mãos um pequeno livro que lê em doce quietude, senhor do tempo e do espaço."

O propósito desta retomada da prática da leitura nos séculos passados, foi demonstrar que os leitores praticavam prazerosamente a leitura em diferentes situações, no lazer, no trabalho, no estudo e no convívio familiar. Sendo, pois, desnecessária a promoção de políticas que implementassem o hábito de leitura. Desta forma, a *Revista Língua & Literatura* se engaja nesta retrospectiva da leitura, por séculos passados, quando ao interpretar estas pinturas, pincela em seus interlocutores a substância da leitura.

Nesta edição da *Revista Língua & Literatura* o leitor verá que seus artigos direcionam-se, em especial, para a área da Literatura Comparada, Literatura Latino-Americana e Literatura Norte-Americana .

O autor José Luiz Foureaux de Souza Júnior em seu artigo *Nacionalidade como metáfora: fronteiras (possíveis) entre Literatura e História*, apresenta perspectivas da leitura da nacionalidade considerada como metáfora cultural de uma realidade político-social. Neste estudo, o autor, professor de Literatura Luso-brasileira da Universidade Federal de Ouro Preto, em Minas Gerais, propõe uma abordagem crítica e intervencionista do campo literário numa perspectiva independente dos parâmetros positivistas.

No seguinte artigo, a *Revista Língua & Literatura* apresenta *A trajetória de Edna Pontellier: um rito de iniciação às avessas*, da professora de Língua Inglesa da URI, *Campus* de Frederico Westphalen, mestranda em Lingüística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, Maria Eloísa Zanchet Scronczynski. Neste estudo, a autora propõe uma leitura simbólica do romance norte-americano *The Awakening*, escrito por Kate Chopin em 1899. Partindo das considerações teóricas de Mircea Eliade, em sua obra *O Sagrado e o Profano*, o estudo analisa a personagem principal, Edna Pontellier, discutindo sua trajetória como um rito de iniciação "às avessas", uma vez que o simbolismo de sua ressurreição não corresponde a um retorno à vida, mas se dá pela morte. Para melhor compreensão este artigo está dividido em três níveis: a) a recepção da obra no contexto de sua época; b) um resumo do romance; e c) o percurso vital da personagem como um rito iniciático, "às avessas", da busca desenfreada pela liberdade.

Esta revista traz, ainda, *História e política na narrativa de Rosário Ferré: o amor "bem-dito" na voz das mulheres do Caribe*, da professora da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), doutora em Literatura Comparada pela UFRGS, Alba Olmi, que faz uma análise da obra de Rosário Ferré a qual descreve mediante a realidade fictícia a verdadeira história de Porto Rico. A autora deste artigo argumenta que Rosário Ferré se diferencia de seus precursores românticos pelo enfoque dado à identidade e historicismo que, longe de ser nostálgico e idealizado, é essencialmente ideológico, de forma que, como diz a autora, "a fronteira entre história e literatura se torna movediça, deixando passar variados pontos de vista, mostrando suas contradições e distorções ideológicas."

Com estes artigos, que a *Revista Língua & Literatura* oferece, o leitor tem, pois, em suas mãos, mais um repertório literário que esperamos ser mais uma fonte de conhecimento e intercâmbio lingüístico e literário. E desta forma que o Curso de Letras da Universidade Regional Integrada - URI, *Campus* de Frederico Westphalen, demonstra que continua sempre engajado na produção científica do conhecimento, divulgando o saber de seu corpo docente através da Editora da URI.

Ao finalizar, a *Revista Língua & Literatura*, registra aqui a intimidade das palavras do poeta Manoel de Barros, que, aos 85 anos, revela, em entrevista rara, o íntimo das palavras:

*Tenho com as palavras uma relação de amor. Algumas entram em cio se querem possuir o poema. As mais amorosas, de noite, descem os véus para mim. As recatadas pedem o meu abandono. Todas têm boca e não falam. Mas o silêncio delas grita... eu só queria ser a substância das palavras...*

(BARROS. Manoel de. Tratado Geral das Grandezas do ínfimo. In: Caderno Cultura. Zero Hora. ed. de 23 fev. 2002)

**Celestina Vitória Moraes Sitya**

Presidente do Conselho Editorial